CARTA

DE

HELOIZA A ABEILLARD;

TRADUZIDA DO FRANCEZ,

DE Mr. MERCIER,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA LACERDINA. 1820.

Com licença da Commissão de Censura.

CARTA.

NESTA morada, que os desertos cingem,
Onde a fé nos descobre um Mundo novo,
Neste asilo de paz, onde entranhado
O 'spirito em si mesmo reconhece
O nada, o sonho da existencia nossa,
¿ Que fogo vencedor da graça, e tempo,
A' bórda do sepulchro em mim revive?
Tu julgava-lo extincto!.... Elle renasce:
¡ Tens, amante infeliz, tormentos novos!
Que! fui eu que trahi tão santos votos?
Ha sentimentos pois, que se não vencem?
Mão, suspende-te.... é tempo, é tempo ainda.
Olha, Supremo Deos, os meus combates!
Heloiza te implora!.... Ah! Longe d'ella
Nome tão caro.... e se o tivesse escrito,
Podião minhas lagrimas ao menos
Apagar, destruir tão caro nome!

Que fiz? Que leio?... por instincto a pluma
Escrevêo, Abaillard, que eu te amo ainda.
Tu te indignas? Tu tremes? Tu receias,
Que o culpavel ardor, que me devora
Não arme contra mim vingança eterna?
Não sei se acaso um Deos perdôa, ou pune
Um só momento de fraqueza humana:
Mas dos sentidos meus é tal a guerra,
Que para suspender as letras minhas
Com medonho fragor em vão troára!
Amor, que me perdoa, é quem me guia;
E' quem na minha mão conduz a penna.
D'alta Religião sagrado asilo,
Habitação temivel, respeitada,
Onde innocentes corações se punem
Como os culpados corações farião,
Aonde entre mil ais, e mil desgostos
Córre com passos languidos o tempo;
Sagrado Templo, em cujo seio augusto
Tantas vezes velêi junto aos altares
Entre as sombras tristissimas da noite,
Prostrada em terra, de pavor tremendo,
De nossos Santos abraçada ás plantas,

Vós sabeis que dos Céos temendo as iras
Vertia amargo, solitario pranto!
Mas meus gritos queixosos, meus suspiros
As minhas orações, o tenebroso
Horror da vista das funéreas campas,
Esses altares, as imagens suas,
Nada o meu coração soube mudar-me!

Com que traços de fogo representas
Em tempo mais feliz a terna amante,
Expirando de amor entre os transportes,
E logo conduzida, oppressa, errante
Nestes lugares funebres, medonhos,
Sepulchros de prazer, sepulchros, onde
Vem fechar-se na morte os bellos dias!
Aqui se perde amor, se acaba a gloria,
Suas victorias pranteando em luto,
Os ternos corações aqui se imolão.
Faze ao menos fallar teus sentimentos,
Solta os desejos, que teu peito abafa,
Responderáõ meus ais aos teus suspiros:
Esta arte de escrever foi pio invento
De algum, bem como nós, misero amante.

Sobre o mudo papel passa, respira,
Communica-se o 'spirito, recebe
Doces consolações a ausencia dura;
Os tyrannos crueis não se receião;
O embaraço, os enojos, os temores,
E os mais ternos, mais doces sentimentos
Sem vergonha, Abeillard, assim se expressão:
Os naturaes, sinceros pensamentos
O artificio detestão, desaprovão.
Esta linguagem tacita, de que usão
Dois ternos corações entre cadêas,
Vôa de pólo a pólo, e vai benigna
Dar á saudade salutar conforto.

Com vivas expressões tu n'outro tempo
Me gabavas o amor; eu cri sem custo,
E o amor figurei como o pintavas.
De tua voz ao soberano accento
Fugírão, dissipárão-se os remórsos:
Tu reinavas em mim sem resistencia,
O teu desejo as minhas leis fazia!
Ouvir em tua voz o Céo julgava,
Sempre o mais eloquente, e o mais temivel.

Pareceste, Abeillard, ante meus olhos
O mais amavel do Universo inteiro!
Que digo!..... até julguei achar no amante
Algum d'esses espiritos celestes,
Confidente de um Deos, e seus ministros;
Era o sorriso teu bem como o d'elles.
Em teus olhos brilhantes scintillava
O fogo, a luz do Céo. Já eu sem susto
Sobre um caminho, que juncavão flores,
Não sentia o terror, nem me importava
O Empireo, a Gloria, que por ti perdia:
Quizeste, que Hymeneu co' os laços puros
Nossa mutua paixão santificasse.
„Guarda-te, (respondi aos teus esforços,)
„Guarda-te de offender minha ternura!
„Quando nos une Amor ¿que leis nos faltão?
„Ha mais seguros nós, laços mais firmes?
„Amor, filho dos Ceos, não quer escravos,
„Aborrece as prisões, e ao ver cadêas
„Bate as azas ligeiro, e vôa, e foge.
„Nós acaso tambem precisaremos
„Vãos juramentos, que o temor exige,
„E a lei arranca aos corações vulgares?

„ Uma chamma tão bella, e tão suave
„ Não tenha mais penhor, que o proprio encanto.
„ Tão puro sentimento acaso cumpre
„ Convertel-lo em dever? Armar o braço
„ Contra um crime futuro é já prevel-lo. „
Se o Rei me ornasse co' o Diadema augusto,
Do Supremo Poder o brilhantismo
Sem soberba altivez renunciára.
Os pomposos, vãos titulos sem custo
Affouta desprezára, e me verião
Um nome preferir mais glorioso;
Nome agradavel ao meu caro amante,
Nome para a ternura expresso, e proprio;
Um simples nome, encantador, tocante,
= Sua querida = Oh Titulo suave!
Titulo, que minha alma enches de gloria!
Só tu me dás orgulho: Throno, Sceptro,
Grandeza, que sois vós a trôco d'isto?
Embora os indiff'rentes me condemnem,
E aos pensamentos meus loucuras chamem;
Aos corações de gêlo, ás almas duras
Amor só póde parecer fraqueza.
Felizes vezes mil dois extremosos

Amantes, que entre si unidos sempre,
De sua alta ventura ambos tocados
Se affastão do tumulto, e que desprézão
O artificio, a impostura, os prejuizos;
Prazer, Amor, e Natureza adorão.
D'esta chamma ditosa embriagados,
Os gostos mutuamente ambos desfrutão,
E o Mundo enganador morre para elles.
Tal foi nosso destino: elle não erra;
Mais do que um sonho vão, desfez-se, acórdo,
Eis-nos aqui n'um tormentoso abysmo
Pelo Destino para sempre immersos.
Longe dia fatal..... que horrivel quadro!
E' meu Esposo o que eu descubro!... o ferro....
Os verdugos crueis.... lá cahe... lá luta
Debaixo d'impia mão dos homicidas!.....
Barbaros, contra mim voltai as furias,
Os perfidos punhaes rasguem meu seio!....
¿Nestes momentos de terror, de espanto,
Que fazia Heloiza? O pranto d'ella,
A desesperação, e os tristes gritos,
Que podião fazer? Que Deos podia
Os Monstros suspender na acção maldita?

Triste Abeillard!..... ultraje abominavel!...

Falta-me a voz, e minha face ardente
Cheia da rubra cor, que o pejo causa,
Mostra do crime o horror calando o crime.
Seguio-se bem depressa o dia acerbo,
Em que gemendo, e palida aos altares
Fui trazida qual victima sujeita.
Eu disse o eterno Adeos ao Mundo inteiro.
Morrendo me lancei de um Deos nos braços:
Vãos esforços! Inutil esperança
De uma Amante insensata! Em minha ideia
Só tu, caro Abeillard, só tu reinavas.
Templo, fachos, altar, e seus ministros
Ah! tudo para mim fugido havia;
E meus votos, se os fiz, por ti só forão.
Tu me davas o véo, levei-o a custo
Com fracas mãos a meus trementes labios;
Tudo sacrificava, esp'ranças, vida,
Tua chamma, Abeillard, e minha chamma.
Dos temerarios votos, que me ouvia
O Céo se horrorisou, se encheo de assombro;
Já nas mãos do Immortal ardia o raio.
Mas vendo minhas lagrimas continuas,

Vendo os remorsos meus, e os meus combates
A meus gritos de dor deixou cahil-lo.
Sê sensivel ao barbaros tormentos,
Que pouco e pouco o 'spirito me gastão,
Vem....eu morro de Amor...eu sinto em chammas
Arder meu coração, tornar-se em fogo.
Dá-me ainda a beber a longos tragos
Esse p'rigoso, encantador veneno,
Que em teus olhos gentis bebia outr'ora.
Repousa inda uma vez sobre meu seio,
Dá-me ainda uma vez gozar de perto
Teu sorriso engraçado, e lindo rosto.
Essas vistas de Amor... Ah! vem, não tardes;
Se acaso o coração me não engana,
O mimoso prazer não tem perdido
De todo para nós as flores suas.
Esses ditosos, divinaes momentos
Inda podemos, Abeillard, sentil-los!
De quantas, de que innumeras maneiras
O suave prazer não se affigura!
Caras delicias.... em teus ternos braços
De todas gozarei, sem que me lembre
Jámais, que encerre o Mundo outras mais doces.

Mas que digo!... Perdoa-me, desculpa
A infausta agitação de meus sentidos,
Os vãos desejos, que a razão detesta.
De um Nume vingador a idéia augusta
Põe no meu coração, que em ti só pensa:
Toma a causa do Eterno; o Eterno vence
Se a causa sua defender quizeres.
Vem: pensa ao menos que o dever te chama:
¿Não deves teu cuidado, e teus desvélos
A este puro, e tão fiel rebanho,
Que á tua voz abandonando o Mundo,
Fugindo ás illusões, que o Mundo enredão,
Veio á sombra viver d'estes desertos?
Estes desertos lugubres, selvagens,
De tuas mãos recebem formosura,
E parecem sorrir-se ás obras tuas.
Já debaixo de um tecto menos rude
Adoramos um Deos, aqui não temos
Preciosos vasos de ouro vil, que ajunta
Criminoso mortal, duro a si mesmo:
Aqui não virão desgraçados orfãos
Thesouros de seus Pais lançar riquezas,
De sacrilego fasto ornando o templo.

Sòb ext'riores simplices se mostra,
Com seu proprio fulgor, piedade augusta;
Brilha atravéz de simplices ornatos,
Tua propria belleza a torna bella.
Corre, caro Abeillard, as nossas virgens,
Inquietas sem ti n'estes retiros,
Vão murchando-se, abatem-se, enfraquecem.
Apparece, Abeillard; á tua vista
Os cuidados, que as frontes lhes carregão,
Dissipados serão n'um só momento.
As veredas, e a abóbada fechada
D'este escuro lugar, onde entra apenas
Escassa luz a combater as sombras,
Gozaráõ de outro sol mais luminoso,
Os olhos de Abeillard serão seus astros.
Tudo brilha com elle, a gloria o cérca.
Meu amigo, meu Pai, Irmão, Esposo,
Tu, que os mais doces titulos reunes,
Dá-me pois essa paz, que promettias.
Lança piedoso os compassivos olhos
Sobre a tua infeliz, cara Heloiza.
Traze-lhe algum repouso; a noute, o dia
Longos seculos são por seus desgostos.

Nada a póde tocar, debalde a terra
Suas graças renova, e se atavia
Co' o lindo esmalte da Estação das flores.
Esses lagos profundos, magestosos,
Que de nossa morada os bosques cingem;
O Aquilão, que atravéz das selvas gira,
E essas matas, que a mão da Natureza
Sem cultura produz, dirije, e fórma,
Perdêrão para mim suas delicias;
A desesperação vive a meu lado:
Sua funebre sombra os campos séca,
A verdura destróe; Zephiro mesmo
Ante ella toma lugubre murmurio.
Nestes bosques, debaixo d'estes tectos
De risonha verdura, eu só diviso
Um terreno infecundo, aberto ás campas.
E do tempo o signal, que as horas marca,
Lança um terrivel som, no qual da morte
A voz sombria trovejando escuto.

Este o sitio com tudo, em que me cumpre
Para sempre gemer: assim o queres,
Cruel, e eu não sei mais que obedecer-te.

Mas um dia ha de vir, em que se torne
Legitima a união de nossas almas;
Nossas cinzas sem crime hão de juntar-se
De um tumulo commum no seio amigo.
Graças, Deos de bondade! Eia, suspende
Teu braço vingador: detesto o crime;
Porém do crime o Autor de amar não deixo.
Ah! Como hei de vencer paixão tão forte?
Nestas tristes prisões cativa, humilde,
Quantos combates supportar não devo
Antes que cinja da victoria os louros!
O' morte..... Não é pois entre teus braços
Que existe a paz dos corações afflictos?
Feliz mil vezes a innocente virgem,
Que a paz consoladora acha no Eterno!
Ella vive co' o Deos, que os Mundos enche;
E aberto o Céo divisa em castos sonhos,
Sem negra tempestade lhe amanhecem
Puros seus dias, candidos, serenos,
Dos sentidos a turbida procella,
De longa duração fataes momentos,
Não lhe vem destruir a paz, e o gosto,
Em que seu coração respira, e folga:

E' junto a seu dever sua ventura.

¡ D'este estado feliz quanto estou longe!
Inutil fogo sem cessar me inflamma!
Vive.... reina, triunfa em minha idéia
A memoria do dia, em que extremosa
Coroei teu amor, despindo o orgulho.
P'rigosa imagem, sem cessar presente,
Como póde jámais ser apagada
Da terna amante no amoroso seio?

Sonho ás vezes voar sobre teus passos,
Suspender-te... apertar-te ao terno peito!...
Muda-se a scena, e vejo-te nas bordas
De escarpado, de asperrimo penedo,
Que as ondas com furor estão cercando.
Junto ao profundo mar na sêca praia
Eu te vejo por subita borrasca
Dos ares arrojado ao longo cume!
Foges-me envôlto em luminosa nuvem,
Ao lugar onde vás quero arrojar-me,
Mas caio delirante, e já sem tino!
Acórdo em tanto.... e misera verdade

Com seu fatal clarão desfaz mil erros!
A teu destino próspero, e severo
Dá graças, Abeillard; já não perturbão
Desordens sensuaes tua innocencia.
A Lei, e a Natureza em ti concordão;
Já chamma perigosa em ti não arde.
¿Porque é pois evitar-me? Inda me temes?
Inda em risco te põe minha presença?
Ninguem póde já agora perturbar-te
Tua doce, pacifica innocencia.
Como junto dos tumulos o incenso
Em seus vasos ardendo exhala aromas,
Que não sabem tocar os frios mortos,
Taes nascidos do peito os meus suspiros
Se perdem junto a ti, se tornão fumo.

Eu te adoro.... Ai de mim! sem doce esp'rança
De terna, de amorosa recompensa!
E prézo meu amor, bem que tyranno.
Para gemer, e orar precede a aurora,
E o pranto amargo me redobra o fogo.
Em vão, cheia de fé, levanto a vista,
Põe-se entre mim, e o Céo a imagem tua.

Encontro-a sempre. Aos pés do Santuario,
E no instante, que segue ao grão mysterio,
Eu ouço tua voz por entre os hymnos
Das piedosas irmãs; enchem-se os ares
Co' o vapôr, que os thuribulos derramão;
Unem-se aos nossos sons os sons dos orgãos,
E minha alma, n'um extase elevada,
Figura-se em teu seio estar gozando
Os gostos, o prazer, em que se abraza.
Vês tu a confusão, vês a desordem
De meus rebeldes, pérfidos sentidos?
Mas não supponhas, que enganar-me podem;
O erro é momentaneo, quando cubro
Humilde o coração de pó, e cinza,
E ardentes orações aos Céos envio.
A graça está já perto; a soccorrer-me
Vem, querido..... suspende-me, demora
Essa mão, que de ti busca affastar-me:
Vem: e co' as vistas, que a ternura anima,
Oppõe a seu poder minha fraqueza.
Mas ah!... que te supplico? Ah! foge-me antes!
Eu quero aborrecer-te, eu quero, e devo.
E' já tempo, que as lagrimas derrame

De um sincero pezar. Eu sinto n'alma
A esperança, o favor de nossos Santos;
Sinto o fogo Divino allumiar-me,
E do Mundo a meus pés calco as ruinas.

Inda esta noite atterrador prodigio
Ser nada me mostrou do Mundo os sonhos!
No fundo d'estes vastos subterraneos,
Que o pavor melancolico rodêa,
A' baça luz de alampada tristonha
Entregue ás orações velando estava;
Solitaria entre os tumulos sombrios,
O frio horror meu coração gelava!.....
Eu morria de susto.... Eis que debaixo
D'estas tristes abobadas escuto
Uma voz, cujo som vinha das trêvas!
» A paz, a paz, diz ella, está nas campas,
» E' no fundo dos tumulos, que existe;
» Lá, minha Irmã, se findaráõ teus males,
» De um só golpe ferindo, assassinando
» A esperança, o terror: é lá que a morte
» A Suprema Sciencia amostra a todos.
» Outr'ora, como tu, rogava sempre;

„Nos tormentos de amor ardi qual ardes,
„Nos tormentos de amor hia morrendo;
„Findou da morte a paz minhas angústias.
„Aqui, onde eu repouso, os desgraçados
„Não vertem nunca mais acerbo pranto!
„Mais indulgente um Deos que os homens duros
„Não arma contra nós as mãos paternas;
„Perdôa aos fracos, a vingança poupa.
„Se pelos raios seus é poderoso,
„Pela sua Clemencia um Deos é Grande. = „

Sombras piedosas, que abraçar procuro,
¿Quando o instante virá de uma tal morte?
Eis-me aqui, preparai-me as palmas vossas.
Abre, Eterna Sião, as portas d'oiro:
Generoso perdão dás á fraqueza;
Ha na terra o temor, nos Céos a graça.

Eu sinto com effeito ir-se-me as forças,
Já sobre os lábios meus erra minha alma,
Confunde-a no teu seio: eu conduzida
Em victima por asperos remorsos,
Já pálida, e sem luz aos mortos desço.

Eu tremo . . . . Eu já deliro . . . e inda te busco;
Fere-me um Deos, por suas mãos eu morro . . . ¿
Ah! . . . Querido Abeillard . . . . eu te amo ainda!
Não existe Heloiza, já por ella
Amado não serás, se amor não póde
Reinar n'um coração, que já não vive.
Mostrou-me a morte seu terrivel facho;
„ = Os humanos são pó, (eu li nas campas,)
Aos olhos do Senhor o Mundo é cinza. = „
¿E eras simples mortal quando eu te amava?
Sim: tu eras, e eu quero franquear-te
Esta passagem lugubre, terrivel.
Porém que digo? Oh Céos! de vossas obras
Poupai no meu Amante a mais perfeita!
Aos dias de Abeillard juntai meus dias,
Ornamento mais digno elle é do Mundo!
E se é preciso, em fim, que tambem morra,
Baixai, Potencias Immortaes, do Olympo,
Correi, vinde-o cobrir co' as azas vossas.
O Celeste espectaculo mostrai-lhe,
Seu suspiro final seja ditoso;
Em triunfo por vós arrebatada
Vôe sua alma aos Céos d'onde descêra.

Possa um tumulo só guardar-nos ambos,
Conservar immortaes os nomes nossos,
A nossa desventura, as nossas chammas;
A Fama possa em fim, por gloria minha,
Quanto adorada fui dizer ao Mundo.
Se inda algum dia dois fieis amantes,
Cheios do mesmo amor, de igual extremo,
Vierem visitar estes lugares,
O Tumulo eloquente, onde dormimos,
Póderá suspender sua loucura.

Choraráõ sobre nós, sobre si mesmos,
E sobre essa fraqueza, em que delirão.
Pregando os olhos humidos de pranto
Neste triste sepulchro, o inevitavel
Escolho notaráõ de seus prazeres.
E aquelle que primeiro ousar as vozes
Erguer d'entre o silencio doloroso,
Gemendo ha de bradar: = „Eis como a morte,
Zombando da paixão que idolatrâmos,
De nossos corações o incendio apaga. =„

E tu, nova Vestal, qu' inda em tua alma

Innocente, e serena a paz desfrutas,
E inda insensivel coração conservas,
Quando beijando o nó, que não conheces,
Para o Templo fatal te conduzirem,
Não ouças indiff'rente os nossos males,
Com benigna indulgencia escuta-os sempre,
Consulta-te a ti mesma, e vê que horrores
Trazem comsigo os indiscretos votos.
E quando em fim no dia assignalado,
De rozas coroando-te, vieres
Victima infausta, conduzida em pompa,
Uma palavra só da boca tua
Formará para sempre os teus destinos:
Antes que abraces estes véos da morte,
Esta lugubre venda, estas cadêas,
Treme... lança uma vez com susto as vistas
A nossos frios, insensiveis restos.

Heloiza.